

Juquery muda para integr

Programa de reabilitação prevê não apenas internar e medicar, mas também preparar o doente para viver em sociedade

O Hospital Juquery, de Franco da Rocha (SP), foi fundado há 104 anos e chegou a abrigar uma população de 15 mil internos. Referência nacional como o grande centro psiquiátrico do País, do seu histórico constam cenas em que os pacientes eram internados em condições subumanas, impregnados de remédios e punidos com reclusão em celas fortes, aplicação de eletrochoques, sem anestesia ou indicação terapêutica.

Desde 1995, porém, quando Maria Tereza Gianerini Freire, assumiu a direção do hospital, a história está mudando. Hoje, a meta é não internar mais, e sim desospitalizar o paciente dentro da própria instituição. Em função disso, a população do Juquery está diminuindo. Dos 2.200 internos em 1995, restam hoje 1.223, sendo 638 homens e 585 mulheres. A idade dos pacientes gira em torno de 55 anos com tempo médio de internação de 30 anos. Dos quase mil pacientes que saíram nesses 7 anos, muitos tiveram alta e voltaram para suas cidades de origem. Alguns estão internados em hospitais de sua região, outros foram levados pelas famílias. Assim, a população de internos continua decrescendo.

Residências terapêuticas

Pacientes com autonomia total estão sendo preparados para morar em residências terapêuticas, espécie de repúblicas, que eles próprios gerenciam. Os "internos moradores", como são chamados, trabalham dentro do Juquery (oficinas abrigadas) ou em empresas das cidades vizinhas (oficinas psicossociais), dependendo do grau de autonomia alcançado por eles.

Arlinda de Castro Andrade chegou ao hospital com 23 anos. Hoje, aos 56, trabalha numa das oficinas abrigadas, cuidando dos jardins e mora numa residência terapêutica. "Estou muito feliz em poder trabalhar e morar com minhas amigas nesta casa".

Os internos não têm vínculo empregatício. Os que trabalham para a administração ou nas oficinas internas, como uma montadora de instrumentos musicais, recebem gratificação. Aqueles que trabalham nas empresas (externas), recebem salário mínimo.

A vida de Isac Ferreira dos Santos, de 44 anos, mudou muito desde que passou a trabalhar para a Fitafer, empresa de aço, que montou uma oficina de paletes dentro do hospital. A companhia mantém maquinaria e oferece treinamento. Isac foi internado em hospital psiquiátrico pela primeira vez aos 8 anos, por conta de uma convulsão. Passou por várias instituições até chegar ao Juquery, aos 20 anos. "Com meu trabalho, comprei os móveis de quarto, aparelho de som, televisão e roupas. Quando sinto vontade, tenho dinheiro para comprar uma coisa diferente para comer".



Arlinda de Castro Andrade, há 23 anos no Juquery, mora numa das residências terapêuticas



Equipe multidisciplinar

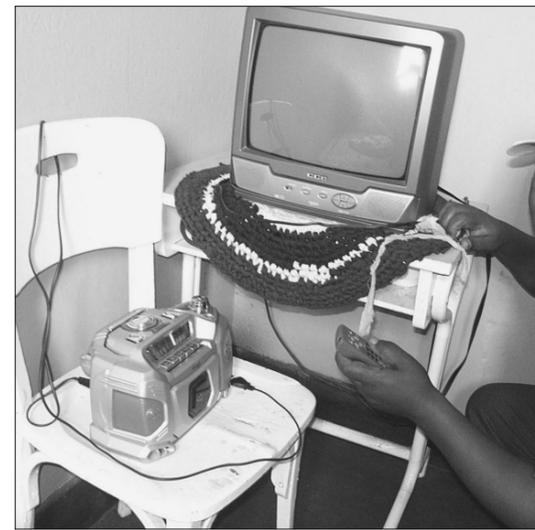
Reflexões e práticas mostram que o hospital psiquiátrico centrado nos antigos padrões encontrava-se atrelado ao mito da periculosidade do louco, assim como o de sua incapacidade. "Não temos incidência de violência externa e nesses 7 anos que estamos aqui nunca recebemos queixas da comunidade em relação ao comportamento dos pacientes que vão e voltam da cidade", diz Mariângela Florio de Souza, diretora de planejamento.

"Conscientizamos nossos internos para lidar com o dinheiro, relação social, hora,

dia e mês. Poucos se lembram como e quando chegaram aqui". Uma equipe multidisciplinar, formada por psicólogo, terapeuta ocupacional, psiquiatra, fonoaudiólogo e fisioterapeuta, assistente social e enfermeiro, acompanha cada interno no diagnóstico, tratamento e adaptação nas oficinas.

Devolvendo a auto-estima

Os doentes crônicos requerem atenção especial. Alguns têm uma vaga lembrança do que são coisas práticas, como usar o banheiro e comer. Nem todos aprendem. O novo Juquery tenta devolver-lhes a auto-



estima. "Para alguns, cuidar de suas necessidades básicas é uma lembrança perdida no tempo. Queremos preparar os que estão de alta para sair. É a inovação que implantamos aqui, não só internar e medicar", explica Mariângela.

Os pacientes participam de comissões de representantes dos internos e têm lugar na mesa do Conselho Estadual de Saúde. "Alguns não podem sair de um pavilhão grande que não é totalmente fechado. Esses são supervisionados de perto. Outros, circulam livremente pelo hospital." Faz parte do projeto revitalizar as grandes



Zenaide Morales de Souza chegou ao Juquery com 19 anos. Erildo Pereira de Oliveira, também. Ele com 45, ela com 46 namoram há 8 anos e aguardam a documentação para se casarem. Erildo conta orgulhoso: "Trabalho como contínuo para a Administração, o que ajuda a desenvolver a mente e distrair um pouco". Zenaide trabalha numa fábrica de instrumentos musicais com montadora dentro do hospital. "Não queremos alta de uma vez, se não correremos o risco de ficar sem trabalho". Zenaide foi casada no Paraná e tem dois filhos, criados pela mãe. Já teve alta e tentou voltar para casa, mas não gostou. Diz estar feliz com a idéia de casamento. "Namoramos tudo direitinho até o dia do casamento. Vamos morar numa casa aqui dentro do hospital".

unida
deixá-
nos co
resiste
ticas,
do. A
condiç
mais c
em so
namer
pacien
vência
o com
auton
vão à
e lojas
te os s

O
objetiv
tratam
so do
terape
direto
gram
visa a
do en
condiç
rio pr
pacien
sair, n
Algun
Ma
no Mu
nalme
unida
existe
papel,